

Editorial

Por Daniel Melo Ribeiro¹

Nesta edição de número 19 da revista *TECCOGS*, abordamos o tema “Inteligência digital da cartografia”. Reunimos reflexões sobre as relações entre a linguagem cartográfica e os processos cognitivos, principalmente no contexto das tecnologias digitais de mapeamento.

A cartografia é um objeto de pesquisas que requer um olhar interdisciplinar. O mapa, seu principal artefato, atrai estudos que há muito ultrapassam a geografia, abraçando disciplinas como as ciências cognitivas, a computação, a história, a comunicação e a própria semiótica. No entanto, há um ponto em comum em todas essas abordagens: o interesse pelo potencial interpretativo proporcionado pelas diferentes representações do espaço.

Do ponto de vista das matrizes da linguagem que compõem sua estrutura semiótica, o mapa é um artefato híbrido (SANTAELLA, 2005). Trata-se de um suporte comunicacional que, em sua função primordial, indica a localização de rios, cidades, estradas, ruas, bairros, países, continentes (sejam eles “reais” ou imaginários). À medida em que a cartografia adquiriu um caráter científico, o mapa incorporou símbolos e convenções que codificam o espaço representado, seja através de meridianos, paralelos, projeções, rótulos e legendas. Mas não podemos também nos esquecer que o mapa guarda, sobretudo, semelhanças estruturais e qualitativas com o próprio território representado (NÖTH, 1998). É justamente essa característica que o qualifica como um instrumento heurístico de descoberta da realidade. Sua manipulação nos permite alcançar interpretações relevantes sobre o local em que habitamos e sobre o nosso próprio “estar no mundo”.

No entanto, as questões ligadas à representação do espaço contemporâneo requerem um olhar crítico e analítico sobre as tecnologias digitais de mapeamento. A recente popularização dos dispositivos móveis dotados de recursos de geolocalização, bem como a difusão de plataformas *online* de mapeamento, impulsionaram novas maneiras se perceber o espaço. Assim, o uso dessas tecnologias aponta para mudanças significativas

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.
CV Lattes: lattes.cnpq.br/9470019908330315. E-mail: danielmeloribeiro@gmail.com.

na nossa experiência com os lugares, na medida em que essas interfaces “moldam o nosso engajamento corporal com o espaço” (FARMAN, 2012, p. 44).

Diante desse potencial, lançamos a seguinte pergunta: em que medida a linguagem digital expande e atualiza as funções da cartografia? Essa é questão principal tratada neste dossiê. O material selecionado para compor esta edição proporciona diferentes respostas para tal indagação. Temas centrais nos estudos da cartografia contemporânea foram abordados, como as mídias locativas (LEMONS, 2008), as narrativas cartográficas (CAQUARD; CARTWRIGHT, 2014), a cartossemiótica (NÖTH, 1998) e a cartografia crítica (HARLEY, 2001).

Abrimos esta edição da TECCOGS com uma entrevista com Todd Presner, professor de línguas germânicas, literatura comparada e estudos judaicos na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Presner é um dos principais expoentes no atual debate sobre *Digital Humanities*. Suas contribuições para esse campo de estudos reforçam a relevância do pensamento crítico sobre as tecnologias digitais. Trata-se de uma postura reflexiva que revela as relações de poder e de legitimidade que envolvem a geração do conhecimento nesse ambiente. Motivado por essas possibilidades de interseção entre diferentes domínios do conhecimento, Presner propõe o conceito de *thick mapping* (ou mapeamento espesso): uma cartografia que se apoia em diferentes procedimentos para alcançar múltiplas camadas de sentido de um lugar. Nessa entrevista, Presner repassa trechos de sua trajetória acadêmica e apresenta alguns de seus projetos, apontando caminhos relevantes para a pesquisa interdisciplinar no campo das ciências humanas.

O debate sobre diferentes metodologias de mapeamento é retomado, de maneira mais enfática, no artigo seguinte, chamado “*Deep mapping: uma introdução ao mapeamento profundo*”. O estudo apresenta o conceito de mapeamento profundo: uma abordagem metodológica que procura investigar lugares em profundidade por meio do mapeamento de dados geográficos provenientes de múltiplas fontes, incluindo a ficção, as artes, as narrativas e as memórias (RIBEIRO; CAQUARD, 2018). Nesse sentido, o artigo dialoga de maneira íntima com o próprio conceito de mapeamento espesso, desenvolvido por Todd Presner. Por se tratar de uma tendência em destaque no chamado campo das *spatial humanities*, o artigo faz um levantamento bibliográfico sobre o mapeamento profundo e sugere, ao final, uma proposta metodológica.

Uma das abordagens exploradas pelos pesquisadores ligados à tendência de mapeamento profundo é justamente a narrativa espacial de histórias de vida, tema do artigo “La élite del camino: Una aproximación cartográfica para analizar las historias de vida de estudiantes mexicanos de posgrado”, de José Alavez. O autor argumenta que a interseção entre arte e cartografia abre possibilidades para que as narrativas pessoais que tratam de histórias de vida possam se destacar nos estudos espaciais. Para isso, Alavez apresenta um estudo de caso, no qual pesquisadores mexicanos relatam suas trajetórias e experiências de vida no exterior por meio da cartografia.

As relações entre as tecnologias digitais e o mapeamento surgem com mais destaque nos próximos textos desta edição. Com o artigo chamado “Entre virtualidades cartográficas: Um olhar sobre o *Google Maps*”, Bruno Rodilha e Luiz Napole abordam as representações virtuais do espaço e suas relações com as experiências do deslocamento urbano. Os autores recuperam reflexões sobre as origens da cartografia para tratar dos atuais sentidos da movimentação dos usuários de serviços digitais de mapeamento, como o *Google Maps*.

Os temas da Realidade Virtual (RV) e da Realidade Aumentada (RA) se destacam no artigo de Wander Carvalho e Tânia do Canto. No estudo “Conexões entre a Realidade Aumentada Móvel e a Cartografia: Aumentando, Revelando e Criando Novas Geografias”, os autores partem do tema das mídias locativas (LEMONS, 2008) para elaborar uma reflexão sobre as experiências espaciais híbridas promovidas por diferentes aplicações de RV e RA. Dentre outros exemplos, os autores destacam um aplicativo para telefone celular conhecido como *Cidade Aumentada*, que procura mapear, por meio de tecnologias de geolocalização, conteúdos audiovisuais da memória urbana. Assim, segundo os autores, tais experiências apontam para novas leituras geográficas do mundo contemporâneo.

A partir de um fundamento semiótico, a pesquisadora Isabel Jungk propõe uma reflexão sobre as “Representações cartográficas e suas implicações cognitivas”. Resgatando os conceitos da cartossemiótica – a semiótica aplicada aos mapas (NÖTH, 1998) – Jungk se apoia nos procedimentos analíticos desenvolvidos por Charles Peirce para tratar dos aspectos semióticos da linguagem cartográfica. Por fim, através de um breve percurso histórico sobre mapas-múndi, projeções cartográficas e outras representações do território, Jungk aponta questões pertinentes sobre o papel dos mapas como traduções de certas visões de mundo.

Em seguida, esta edição traz uma tradução do artigo “Atlas online” de Sébastien Caquard, professor do Departamento de Geografia, Planejamento e Meio Ambiente da Concordia University em Montreal no Canadá, na tradução de Marcelo Salgado. A versão inglesa deste artigo foi publicada na 2ª edição da *International Encyclopedia of Human Geography*, editada por Audrey Kobayashi. Caquard apresenta uma categorização dos seguintes tipos de atlas online: ciberatlas nacional, ciberatlas mundial, ciberatlas rodoviário e ciberatlas comunitário. Cada um desses tipos é brevemente analisado e exemplificado.

Para concluir a edição da revista, selecionamos duas resenhas de livros. A primeira, elaborada pelo pesquisador Clayton Policarpo, avalia a obra *Cartografias Criativas: da razão cartográfica às mídias móveis* publicada em 2019 por Juliana Rocha Franco, doutora em Comunicação e Semiótica e professora da Escola de Design da UEMG. Franco elabora uma reflexão sobre o pensamento cartográfico e as tecnologias móveis de mapeamento. Suas análises perpassam as interseções da cartografia com o campo da artes. Por fim, a segunda resenha, elaborada pelo pesquisador Bruno Rodilha, apresenta uma avaliação crítica do livro *HyperCities: thick mapping in the digital humanities*. O livro foi publicado em 2014 pelos autores Todd Presner (entrevistado neste dossiê), David Shepard e Yoh Kawano. A obra trata do conceito de mapeamento espesso (*thick mapping*), apresentando reflexões conceituais e estudos de caso sobre os processos de mapeamento urbano.

Assim, esperamos que esta edição especial da revista TECCOGS possa iluminar novos caminhos de pesquisa para nossos leitores, traçando rotas para investigações ligadas aos mapas e às tecnologias digitais.

Referências

CAQUARD, Sébastien; CARTWRIGHT, William. Narrative cartography: From mapping stories to the narrative of maps and mapping. *The Cartographic Journal*, London, v. 51, n. 2, p. 101-106, 2014.

FARMAN, Jason. *Mobile interface theory: embodied space and locative media*. New York, NY: Routledge, 2012.

HARLEY, John B. *The new nature of maps: essays in the history of cartography*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2001.

LEMONS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (orgs.). *Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 207-230.

NÖTH, Winfried. Cartossemiótica. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; FECHINE, Yvana. *Visualidade, urbanidade, intertextualidade*. São Paulo: Hacker, 1998. p. 119-133.

RIBEIRO, Daniel Melo; CAQUARD, Sébastien. Cartography and art. In: WILSON, John P. (org.). *The Geographic Information Science & Technology Body of Knowledge (1st Quarter 2018 Edition)*, 2018. Disponível em: gistbok.ucgis.org/bok-topics/cartography-and-art. Acesso em: 21 abr. 2019.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2005.